

Pantanal: a bola da vez

Passou meio despercebida da imprensa, registrada apenas num pé de página por uma revista semanal, a decisão do ministro dos Transportes de cancelar o projeto e interromper as obras de implantação da hidrovía ligando Cáceres, em Mato Grosso, no norte do Pantanal, até a baía do Prata, beneficiando não apenas o Brasil, mas o Paraguai, o Uruguai e a Argentina. Sem mais aquela, paralisa-se um investimento que já consumiu alguns milhões de dólares e que serviria para levar desenvolvimento a uma região quase do tamanho da Europa.



POR
CARLOS
CHAGAS

A hidrovía tornaria possível a navegação nos rios Paraguai, Paraná e Uruguai, em nosso território e, depois, nas fronteiras do Brasil com nossos vizinhos do sul, permitindo o escoamento ordenado das safras agrícolas da região, beneficiando o comércio e ensejando a chegada da civilização a áreas inóspitas e a populações abandonadas, onde rareiam escolas, postos de saúde e rodovias. Acresce serem as obras de singular simplicidade, pois basta o assoreamento de parte dos referidos rios, de maneira a permitir não a passagem de transatlânticos ou navios de grande calado, mas apenas de chatas de tamanho razoável.

Agora vem o pior: teria sido a paralisação motivada por economia? Falta de recursos? Ausência de tecnologia?

Nem pensar. Abrimos mão de levar o progresso a substancial parte do Brasil e do continente sul-americano por imposição externa. O Pantanal é a bola da vez, depois que a Amazônia já parece definitivamente encaçada pela proposta de mr. George W. Bush, de que devemos pagar nossa dívida externa não em dinheiro, mas em terras, melhor dizendo, em florestas tropicais.

A pretexto de preservar o meio ambiente e de zelar pela ecologia, organizações não-governamentais, multinacionais e até governos de países poderosos uniram-se para imobilizar o Pantanal. Deixá-lo intacto para as próximas investidas, transformado num grande jardim botânico mesclado a um imenso jardim zoológico.

O esbulho não começou agora, mas, coincidentemente, há quatro anos, quando se iniciaram as obras da hidrovía. Na época, percorreu as principais telinhas do planeta um filme muito bem montado, produzido nos Estados Unidos, mostrando a indignação de ecologistas com a perseguição movida pelos guindastes de assoreamento contra peixinhos amarelos e minhocas pálidas.

Parte da série *The New Explorers*, documentário elaborado pela Kurtiss Productions, foi primeiro exibido

pela cadeia A & E, passando depois à CNN e a grandes e pequenas redes de televisão americanas. Todas prestaram-se a divulgar o que parecia mais uma violência dos bárbaros brasileiros na faina de devastar o planeta. Primeiro, imagens maravilhosas do Pantanal: parasitas esfusiantes, flores com pétalas de cores variadas, árvores centenárias, passarinhos que ninguém viu, insetos ainda não catalogados. Depois, cenas chocantes de peixes sendo asfixiados, aves coloridas abatidas e seus ninhos destruídos, florestas devastadas e crianças famintas expostas à poluição gerada por barcos movidos a óleo diesel. A farsa ganhou logo o resto do mundo.

Criticou-se, no filme, até mesmo a possível chegada de professores, médicos e funcionários que mudariam o sistema secular de vida de populações ribeirinhas, incapazes de resistir ao impacto das mudanças. A prostituição, a bandidagem, o garimpo

e até um monte de doenças novas não poupariam ninguém. Tudo, é a conclusão do documentário, porque o Brasil e o Paraguai se uniram para construir uma hidrovía que atravessa o Pantanal...

Coisa arrumada, armação entre mil cenas de rara beleza e outras de invulgar agressão aos sentimentos ambientalistas, de efeito fulminante. Destaca-se também a visita de uma equipe de pesquisadores e técnicos de vários países, chefiados pelo biólogo Jorgen Thompsen. Ele discursava alegando ser preciso estancar os males que a implantação da hidrovía começava a causar contra quatro mil espécies de plantas e cinco mil de peixes inencontráveis em outro lugar. O pior é o final, quando o abnegado cientista se diz chefe de uma cruzada destinada a salvar as comunidades instaladas à beira dos rios... Registre-se ser o filme apenas uma gota d'água no meio da cachoeira de críticas, ameaças e chantagem que se desenvolveram de lá para cá.

O resultado não demorou tanto assim. Iludido, enganado ou ingenuamente convencido, o ministro Eliseu Padilha determinou o fim do sonho da hidrovía. A navegação fluvial levou a riqueza às regiões do Mississipi, do Sena, do Reno, do Danúbio e de quantos grandes rios se possam citar, mas aqui, no quintal, tudo deve continuar intocado. Apenas um paraíso para turistas extasiados com as minhocas pálidas e os peixinhos amarelos.

Por essas e outras vamos nos diluindo como nação, porque logo surgirão ONGs, multinacionais e governos anunciando a descoberta de uma tribo indígena desconhecida, bem no meio do Pantanal, com direito a se constituir nação independente, apesar de possuir apenas quinze ou vinte indivíduos. Não faltarão organismos internacionais capazes de reconhecê-la, bem como empresas empenhadas em desenvolvê-la, à maneira do que já ocorre na tribo dos ianomâmis, que alguns pascácios e outro tanto de velhacos também tentam transformar em nação independente. Por coincidência, na fronteira do Brasil com a Venezuela, onde se localizam as maiores reservas mundiais de nióbio...

CARLOS CHAGAS
É JORNALISTA

**A PRETEXTO DE
PRESERVAR O
MEIO AMBIENTE
E DE ZELAR PELA
ECOLOGIA,
ORGANIZAÇÕES
NÃO-GOVERNAMENTAIS,
MULTINACIONAIS E
ATÉ GOVERNOS DE
PAÍSES PODEROSOS
UNIRAM-SE
PARA IMOBILIZAR
O PANTANAL**

INSTITUTO	Documentação
SOCIOAMBIENTAL	CB
Fonte	
Data	12/2/2001 Pg 5
Class.	59